

Lisboa, 12 de Abril de 2022

Dear Keith,

Gosto de escrever e receber cartas. Acho que essa prática se perdeu, hoje fazemos tudo em formato digital. Foi bom ler-te.

Eu estou em Portugal. Aliás, eu nasci em Portugal em 1988. Sou de uma geração já nascida em democracia. Não vais acreditar: o dia 23 de março deste ano foi o primeiro dia em que vivemos mais tempo em democracia do que em ditadura. Sinto o impacto temporal desta longa ditadura. Deixou marcas profundas na população que se notam e se sentem ainda hoje.

Como tu, como vocês, eu estou também hoje a aprender com o processo SAAL e com a Josefina. Foi uma alegria tão grande saber da sua existência e conhecê-la, não podes imaginar. Quantas emoções de arrepiar! Posso contar-te que o SAAL foi uma experiência emocionante e que hoje faz parte da cultura arquitetónica portuguesa e internacional, sobretudo pelas dimensões urbanas, políticas e sociais. Todavia, o SAAL foi também alvo de ausências legislativas e de muitos ataques políticos, partidários (da direita e também de alguma esquerda), institucionais, enfim. Da imprensa burguesa da época também. Em outubro de 1976 deixou de funcionar como vocês o conheceram.

Há ainda muitas histórias por contar, sobretudo as das mulheres, sempre mais invisíveis em todos os processos. Sabes se a Helen Sachs chegou a vir a Portugal? É um nome novo para mim. Desde 2021, eu estou nesta aventura de mapear diversas mulheres - arquitetas, sociólogas, economistas, e mulheres das bases, moradoras destes bairros - e de registar histórias. Passaram alguns anos, algumas infelizmente já faleceram, outras perderam a memória. Sinto-me a trabalhar com uma certa urgência, entendes? Quase como se fosse agora ou nunca.

Por aqui é Primavera, estamos há dois anos a viver uma pandemia. Agora acalmou, mas quem sabe o que virá? Se resolvermos esta, virá certamente outra. Preocupam-me essas ondas de calor de que falas: elas continuam, como outros fenómenos ambientais, cada vez mais extremos. Continuam e agravam-se, e prejudicam mais quem está mais vulnerabilizado: grupos como as mulheres e pontos do globo como África. Enfim, estou provavelmente a falar do que vocês já intuíam. Passaram quase 5 décadas e fizemos tão pouco para cuidar da nossa casa. Os vossos dispositivos pioneiros de tecnologias alternativas foram importantes e agrade-me a acessibilidade a camadas da população que vivem em condições precárias.

Atualmente temos mais tecnologia, ciência avançada e relatórios. Mas tudo nos faz esquecer de cuidar do planeta onde vivemos. Esta semana li no jornal que, na última década, as emissões de gases com efeito de estufa estiveram no seu nível máximo na história da

humanidade. Precisamos de união e, às vezes, penso que nos falta desobedecer mais, caraças! E, claro, de projetos com potencial transformador. Olha, eu pertenço a uma associação portuguesa chamada Mulheres na Arquitectura. Estamos agora a desenvolver um projeto com mulheres sem emprego que talvez vos interesse – não me posso esquecer de contar à Josefina e à Yohanna. *Mulheres em Construção!* é uma formação em construção civil, igualdade de género e literacia digital em Aveiro, no norte litoral do país. O objetivo é desenvolver a autonomia destas mulheres e capacitá-las para um emprego. No final, vamos recuperar um espaço no bairro onde haverá um banco de materiais e ferramentas disponível para ser utilizado por toda a gente. Pensar tecnologias alternativas com elas seria muito interessante! Ri quando falaste do fluxo de turistas revolucionários. Não me interpretes mal! Ri porque imaginei-vos instalados em casas Airbnb ou a usufruir de *experiências locais e tradicionais*. Eu sei que não foi assim, mas a globalização atingiu um nível surreal. Espero que vocês tenham levado sementes da revolução portuguesa para outros lugares.

E, olha, está quase a chegar o dia mais bonito do ano, o 25 de Abril! No coro onde canto estamos a preparar um espetáculo, sempre com músicas do Zeca Afonso ou do José Mário Branco. Lembro-me sempre das tantas mulheres corajosas que quiseram mudar a sua vida e a da sua comunidade. Sei que sou feita delas também, que sou porque elas foram, e que faço hoje porque elas abriram portas. É assim que também olho a Josefina e as outras mulheres – profissionais e moradoras – do processo SAAL! Uma inspiração para a vida.

Eu prometo que vou dando mais notícias sobre o meu trabalho.

Cuida-te muito, até breve,

Lia Antunes

Lisbon, April 12, 2022

Dear Keith,

I love writing and receiving letters. I think this practice has been lost because we do everything in digital form today. It was so nice to read you!

I am in Portugal. Actually, I was born in Portugal in 1988. I come from a generation that was already born in democracy. You cannot believe it! March 23 of this year was the first day that we lived longer in a democracy than in a dictatorship. I feel the temporal effects of this long dictatorship. It has left deep traces in the population that can still be felt today.

Like you, I am learning today from the SAAL process and from Josefina. You cannot imagine what a joy it was to learn about her and to meet her, you cannot imagine. How many exciting emotions! I can tell you that SAAL was an exciting experience and today it is part of the Portuguese and international architectural cultures, mainly because of its urban, political, and social dimensions. However, SAAL was also the target of legislative absences and numerous political, partisan (from the right and also from some of the left) and institutional attacks. Also from the bourgeois press of the time. In October 1976, it stopped working as you knew it.

There are still many stories to tell, especially those of the women, who are more invisible in all these processes. Do you know if Helen Sachs ever came to Portugal? That's a new name for me. Since 2021, I have embarked on the adventure of mapping different women - architects, sociologists, economists, and grassroots women living in these neighborhoods - and recording their stories. A few years have passed, some have sadly passed away, others have lost their memories. I feel like I am working with a sense of urgency, you know? Almost as if it's now or never.

Today is spring, and we have had two years of a pandemic. Now it's calmed down, but who knows what's to come? Once we get over this pandemic, there will certainly be another one. These heat waves you are talking about worry me: they are becoming more extreme, like other environmental phenomena. And they hit hardest those who are most vulnerable: groups like women and parts of the globe like Africa. Anyway, I am probably talking about what you have already guessed. It's been almost 5 decades, and we have done so little to take care of our home. Your groundbreaking devices with alternative technologies were important, and I like the accessibility to populations living in precarious conditions.

Nowadays we have more technology, advanced science and reports. But all that makes us forget to take care of the planet we live on. This week I read in the newspaper that greenhouse gas emissions in the last decade have reached the highest level in human history. We need

unity, and sometimes I think we need to be more disobedient, dammit! And, of course, of projects with transformative potential. You see, I am co-founder of a Portuguese association called Women in Architecture (Mulheres na Arquitectura). We are currently developing a project with unemployed women that might interest you - I cannot forget to tell Josefina and Yohanna about it. Women in Construction! – Mulheres em Construção! – is a training in civil construction, gender equality, and digital literacy in the city of Aveiro. The goal is to promote the autonomy of these women and enable them to find a job. In the end, we will rehabilitate an empty space in the neighborhood for a bank of materials and tools that everyone can use. It would be very interesting to think about alternative technologies with them!

I had to laugh when you talked about the stream of revolutionary tourists. Do not get me wrong! I laughed because I imagined you using Airbnb accommodations or enjoying local and traditional experiences. I know it was not, but globalization has reached a surreal level. I hope you have taken the seeds of the Portuguese Revolution to other places.

And look, April 25, the most beautiful day of the year, is almost here. In the choir where I sing, we are preparing a show, always with songs by Zeca Afonso or José Mário Branco, but also with international songs. I always think of the many brave women who have changed their lives and their community. I know that I am also made of them, that I am because they were, and that I do something today because they opened doors for me. That's how I see Josefina and the other women - professionals and residents - of the SAAL process! An inspiration for life.

I promise to share with you more news about my work.

Take good care of yourself and I will see you soon,

Lia